



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

REFLETINDO SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA CONSTITUIÇÃO DE UM GRUPO DE MULHERES

Leonir Claudino Lanznaster¹

RESUMO

As reflexões aqui apresentadas abordam alguns aspectos da constituição de um grupo de mulheres rurais a partir do relato da participação delas em atividades individuais e coletivas, com foco em educação ambiental e desenvolvimento humano, alicerçadas em processos participativos. A análise da constituição desse grupo será feita, partindo dos seguintes autores: Molon (2000/2004), Medina e Santos (1999/2000/2002), Boff (2000/2002) Bronfenbrenner, (1996), Gadoti (2000), Vygotsky, L.S. (1991), Oliveira, M.K (1993), Brandão (2005). Com este artigo, pretende-se identificar relações da teoria sócio-histórica com as práticas desenvolvidas.

Palavras-chave: educação ambiental, sujeito, constituição, relação social, mediação.

ABSTRACT

The reflections presented here approach some aspects of the constitution of a group of agricultural women, from the story of the participation of them in individual and collective activities, with focus in environmental education and human development, based in processes with participation. The analysis of the constitution of this group will be made from the following authors: Molon (2000/2004), Medina and Santos (1999/2000/2002), Boff (2000/2002) Bronfenbrenner, (1996), Gadoti (2000), Vygotsky, L.S. (1991), Oliveira, M.K (1993), Brandão (2005). With this article, it is intended to identify relations of the Social-Historical theory with the practices developed.

Keywords: environmental education, person, constitution, social relation, mediation.

¹ Mestranda do curso de pós-graduação em Educação Ambiental da FURG.
CEP: 96208090, Rio Grande, RS, Brasil, leonir64@yahoo.com.br.

Introdução

Minhas inquietações sobre a relação da teoria socioistórica e a prática desenvolvida na área de educação ambiental não formal, tiveram sua origem em um minicurso ministrado pela professora Susana, no ano de 2007, em Erechim do qual participei e como resultado ficou o questionamento sobre minha prática como educadora ambiental e uma grande preocupação em ensinar “fazer fazendo”, bem como a preocupação com o pouco embasamento teórico sobre as práticas desenvolvidas.

Consciente da necessidade de aprofundar esses embasamentos ingressei no curso de mestrado em educação ambiental e percebi na disciplina Abordagem Socioistórica e Educação Ambiental, a oportunidade de encontrar algumas respostas para as inquietações que me afligiam. Porém, na medida em que o diálogo com os diferentes interlocutores foi ocorrendo, a angústia foi aumentando. Como abordar questões tão complexas em uma realidade em que as pessoas são semi-analfabetas ou analfabetas funcionais em sua grande maioria?

Tinha consciência de minhas limitações e de que o caminho estava nas leituras e na confrontação destas com a realidade vivenciada no dia-a-dia. Não poderia negar minha prática, pois mesmo desprovida de um embasamento teórico aprofundado sobre a teoria socioistórica, as relações que se estabelecem, são resultados das interações sociais e os avanços obtidos em relação à construção coletiva de novos saberes são expressivos para a realidade vivenciada.

Na tentativa de analisar essa relação à luz de uma atividade prática, vamos nos ater aqui, a refletir sobre a constituição de um grupo de mulheres com as quais desenvolvemos atividades de educação ambiental, considerando as dimensões ambientais, econômica, política, social e humana.

1 - Mulheres Se Constituindo Nas e Pelas Relações Sociais.

“É na e pela interação com outros sujeitos que o sujeito se constrói”
(Molon 2003, p. 63).

Ao fazermos os primeiros contatos com o grupo de mulheres, foi necessário prudência e sensibilidade. Diferentes realidades se apresentavam em cada família, exigindo cuidado, principalmente, nas primeiras intervenções, para se estabelecerem com elas relações

de confiança. Em alguns casos, nem as necessidades básicas de alimentação, moradia, saúde e vestuário das famílias dessas mulheres eram atendidas.

A baixa auto-estima provocada por processos de rejeição, discriminação e sentimento de impotência frente às dificuldades vivenciadas no cotidiano, contribuíam para o sentimento de abandono e para a incapacidade de sonhar com um amanhã melhor. O meio em que estavam e estão inseridas, também tem contribuído para essa realidade, influenciando diretamente em sua constituição.

Nesse sentido, trazemos presente as contribuições de (Molon, 2003). Segundo essa autora, o sujeito se constitui e é constituído pelas relações sociais, sendo esse social, “constituído e constituinte de sujeitos historicamente determinados em condições de vida determinadas historicamente. Um social que é também subjetividade e intersubjetividade, cuja dinâmica se constitui na teia de relações entre sujeitos diferentes e semelhantes” (Molon, 2003, p. 118).

Em meio às semelhanças e diferenças fomos estabelecendo os primeiros contatos com a maioria das mulheres do grupo, através de visitas domiciliares. Por meio do diálogo estabelecido foi possível conhecer um pouco da história de cada uma e refletir sobre a melhor maneira de apoiar mudanças significativas para suas vidas.

Considerando que “a inserção do indivíduo num determinado ambiente cultural é parte essencial de sua própria constituição enquanto pessoa” (Oliveira, 1993, P. 78/79), passamos a dialogar com essas mulheres, através de visitas freqüentes e de atividades grupais.

Cientes da importância das interações sociais, estabelecidas por meio das mediações dos signos culturais construídos na coletividade para o processo de construção do conhecimento, priorizamos as ações grupais, na tentativa de contribuirmos para a constituição de uma vida diferente para elas. Essa busca esteve alicerçada principalmente, nas ações de educação ambiental, na busca da inclusão social, nas ações visando ao desenvolvimento humano, nas ações de saneamento ambiental e no resgate do alimento de auto-suficiência.

Iniciava-se assim, uma nova relação desse grupo de mulheres, consigo mesmo, com as sua família e com as pessoas que convivem em seu entorno, contribuindo para a constituição das mesmas.

Buscando compreender o processo de constituição dessas mulheres, trazemos presente Molon (2000/2003), a qual afirma que o sujeito é constituído através da experiência social, histórica e pelo desdobramento da consciência, que acontece através do desdobramento na consciência do eu e outro, no sujeito consciente. O sujeito consciente estabelece relações com a experiência de outros sujeitos e na experiência com outros sujeitos pela intersubjetividade.

Relações estas, estabelecidas no grupo de mulheres, por meio de conhecimentos compartilhados e da socialização mútua de experiências, que fortaleceram as relações de confiança e afetividade na medida em que os processos de mediação foram ocorrendo.

Contribuições importantes, como a que segue, ajudam-nos a compreendermos o processo de mediação.

“A relação do sujeito com o outro sujeito é mediada, que, dois sujeitos só entram em relação por um terceiro elemento, que é o elemento semiótico. E que, a relação social não é composta apenas de dois elementos, mas é uma relação dialética entre eu e o outro, ou seja, toda relação implica o terceiro-tríade. O elemento semiótico que é constituinte e constituído da relação é, portanto, mediação”(Molon, 2000, p.16).

A autora ressalta ainda, que “no processo de constituição do sujeito, as atividades humanas são operacionalizadas ao longo do desenvolvimento humano pelos signos, que são meios de comunicação e meios de conexões das funções psicológicas superiores, presentes em todo o processo de constituição do sujeito” (Molon 2000, p. 9-10) e que a relação social é sustentada através da mediação pelos signos e as diferentes formas de semiotização.

Neste sentido, encontramos que, “a relação do indivíduo com o mundo é mediada pelos instrumentos e símbolos desenvolvidos no interior da vida social. É enquanto ser social que o homem cria suas formas de ação no mundo e as relações complexas entre suas várias funções psicológicas” (Oliveira, 1993, p. 78).

Para exemplificar esse processo mencionamos as práticas de transformações de alimentos de auto-suficiência, nas quais há uma estreita relação entre a explicação teórica e a demonstração prática de como fazer, por exemplo, um doce com cascas de frutas, ou uma torta de talos e folhas de legumes e verduras, que posteriormente essas práticas serão repetidas pelas mulheres como forma de fixar o conhecimento e socializá-lo, principalmente junto à família.

Essas práticas, embora voltadas para a área de alimentação, têm estreita relação com a educação ambiental uma vez que são trabalhadas sob a ótica do aproveitamento de sobras de alimentos e são abordadas juntamente com a importância da produção dos alimentos de auto-suficiência para manter a qualidade e a quantidade de alimentos disponíveis para as famílias. Fez parte desse diálogo, a produção limpa de alimentos, que diminui a contaminação do solo e da água, contribuindo para a manutenção da vida dos ecossistemas locais.

Para refletirmos sobre a influência das ações da educação ambiental e sobre a constituição da vida dessas mulheres, trazemos presente as contribuições de Medina, que nos diz:

A educação ambiental é um processo que afeta a totalidade da pessoa, na etapa da educação formal, e que deveria continuar na educação permanente. Possui uma forte inclinação para a formação de atitudes e competências definidas, desde o seminário de Belgrado (1975), como: consciência, conhecimentos, atitudes, aptidões, capacidade de avaliação e de ação crítica no mundo. Não se trata tão somente de ensinar sobre a natureza, mas de educar para “e” com a natureza; para compreender e agir corretamente ante os grandes problemas das relações do homem com o ambiente; trata-se de ensinar sobre o papel do ser humano na biosfera para a compreensão das complexas relações entre a sociedade e a natureza e dos processos históricos que condicionam os modelos de desenvolvimento adotados pelos diferentes grupos sociais. A educação ambiental é a incorporação de critérios sócio-ambientais, ecológicos, éticos. Pretende construir novas formas de pensar incluindo a Compreensão da complexidade e das emergências e inter-relações entre os diversos subsistemas que compõem a realidade (Medina, 2000, p. 24).

Amparadas pela abordagem de Medina, concordamos que não basta trabalhar as questões pontuais da educação ambiental, como: reciclagem de lixo, proteção de mata ciliar e poluição dos rios. Assim, optamos por ampliar nosso olhar para as questões humanas, sociais e econômicas, buscando estabelecer uma estratégia de ações através do planejamento participativo com a participação das mulheres na sua elaboração.

Estabeleceu-se assim, através do diálogo, algumas ações a serem desenvolvidas em nível individual e coletivo.

Ressaltando a importância do diálogo Brandão (2005), nos diz que no momento em que assumimos o dever, o direito e o poder de respondermos juntos pelas decisões, pelas ações que têm a ver com o presente e o futuro de nossas vidas e da vida do mundo onde vivemos, ocorre o empoderamento.

Empoderamento este, que pode ser percebido na priorização das ações a serem desenvolvidas pelo grupo, dentre as quais citamos: o Projeto *Compartilhar Para Construir*, que buscou integrar a escola e a comunidade mediante atividades a serem desenvolvidas, com escolares, adolescentes e famílias, visando à melhoria da qualidade de vida ambiental e humana; o desenvolvimento de ações voltadas para à instalação de sistemas de tratamento de efluentes domésticos, com objetivo de evitar a proliferação de doenças e a contaminação do solo e da água; desenvolvimento de técnicas de proteção e recuperação de nascentes, com intuito de preservar e recuperar a qualidade e a quantidade de água; capacitação das famílias

em produção e transformação de alimentos de auto-suficiência, por meio de práticas agroecológicas; preparo de pratos à base de alimentos locais (aipim, batata doce, verduras, legumes, cebola, entre outros); produção artesanal de produtos de limpeza caseiros (sabão, amaciante, entre outros); palestras sobre relacionamento pessoal e interpessoal, desenvolvimento humano, questões ambientais e organização social e, ações em melhoria da habitação, uma vez que as casas de grande número dessas mulheres, não tinham chuveiro e banheiro e, nas que havia, em alguns casos, estavam em péssimas condições.

Podemos perguntar-nos neste momento: Que relação há entre educação ambiental e a construção de um banheiro e de um chuveiro? Se nossa visão sobre a educação ambiental estiver assentada na visão fragmentada e naturalista, não indo além do conservacionismo, talvez não conseguiremos estabelecer nenhuma relação. Porém, se comungarmos com Gadotti, de que a educação ambiental, “trata-se de uma opção de vida por uma relação saudável e equilibrada, com o contexto, com os outros, com o ambiente mais próximo a começar pelo ambiente de trabalho doméstico” (Gadotti 2000, p. 96), a sensibilidade nos permitirá compreender as relações que se estabelecem entre ambas.

A constituição dessas mulheres foi sendo ampliada e fortalecida, na medida em que passaram a participar de forma efetiva das atividades planejadas. Nessa perspectiva, Bronfenbrenner (1996), nos traz que a pessoa não é uma tábula rasa, sobre a qual o meio ambiente provoca determinados impactos, mas uma entidade em crescimento, dinâmica, que progressivamente penetra no meio em que reside e o reestrutura.

Como exemplo de crescimento e superação, trazemos presentes algumas transformações ocorridas na vida de uma senhora, da qual, no início das atividades raramente ouvíamos a voz e tão pouco tínhamos a sua participação efetiva no grupo, movida por prováveis sentimentos de vergonha e por sentimento de inferioridade, que aos poucos foram sendo substituídos por amor próprio e alegria ao perceber-se capaz de contribuir com seus conhecimentos.

Sua alegria e satisfação pelas mudanças ocorridas em sua vida ficavam evidentes nas conversas semanais. Ao nos receber em sua casa, mostrava orgulhosa o resultado do curso de horta sustentável, retratado na produção própria de alimentos para auto-suficiência e na casa por concluir, mas com banheiro e chuveiro trazendo mais conforto e alento nos dias frios de inverno. Um momento marcante na evolução da constituição dessa senhora ocorreu em um encontro de encerramento anual, em que ela se levantou em meio a um grupo de aproximadamente 100 mulheres e, fazendo uso da palavra, agradeceu a oportunidade de ser

parte do grupo, ressaltando a importância das pessoas que vinham contribuindo com a sua formação.

Compreender a constituição dessa senhora exige um processo reflexivo acerca da formação dos sujeitos, e nesse sentido trazemos a seguinte contribuição:

“Pensar o homem como um agregado de relações sociais implica considerar o sujeito em uma perspectiva da polissemia, pensar na dinâmica, na tensão, na dialética, na estabilidade instável, na semelhança diferente. A conversão das relações sociais no sujeito social se faz por meio da diferenciação: o lugar de onde o sujeito fala, olha, sente, faz, etc. é sempre diferente e partilhado. Essa diferença acontece na linguagem em um processo semiótico em que a linguagem é polissêmica.”. (Molon 2000, p.17)

Em outra passagem, a autora afirma que o sujeito não é um mero signo e que ele precisa do reconhecimento do outro para se constituir enquanto sujeito em um processo de relação dialética. “Ele é um ser significante, é um ser que tem que dizer, fazer, pensar, sentir, tem consciência do que está acontecendo, reflete todos os eventos da vida humana” (Molon 2000, p. 17).

Podemos dizer que na vida dessa senhora, a presença de outros sujeitos foi fundamental para seu desenvolvimento e sua constituição enquanto sujeito ativo, nos processos desencadeados na comunidade e em seu entorno.

Não poderíamos deixar de citar nesta reflexão, a constituição dessas mulheres enquanto parte do processo educativo. Além de suas contribuições a partir dos conhecimentos de cada uma, aceitaram o desafio de voltar à sala de aula para aprender a ler e a escrever. Mulheres, numa faixa etária entre 30 e 70 anos, sonhando em desvendar os segredos da escrita e da leitura, como alternativa de se constituírem, não somente através da leitura empírica e de suas relidades, mas também a partir da compreensão e da construção de outros saberes, mediante a leitura da palavra e a do mundo. Muitas delas viram o sonho de escrever o nome pela primeira vez ser realizado e relatam com orgulho o fato de não mais precisarem sujar seus dedos na almofada de tinta para terem suas assinaturas reconhecidas.

Acreditamos em que o fato dessas mulheres compartilharem histórias de vida semelhantes, possibilitou uma maior aproximação entre elas, facilitando as relações estabelecidas no grupo e fortalecendo os processos de aprender e desenvolver aprendizagens, que Segundo Vygotsky (1991), são proporcionadas pelas interações constantes e ininterruptas entre os processos internos e as influências do mundo social.

Para Medina e Santos (2000), as considerações de vygotsky, em relação aos processos de formação dos conceitos referem-se às relações entre pensamento e linguagem com ênfase nas mediações sociais e culturais nos processos de construção dos novos significados. As autoras priorizam a dimensão social do desenvolvimento humano e sustentam que as funções cognitivas superiores se constroem ao longo da história social da humanidade e, que nessa história social, se desenvolvem culturalmente instrumentos e símbolos, com os quais a espécie humana cria as suas formas de ação específica no mundo.

Ressaltam também que “a aquisição do pensamento verbal e dos conceitos, por parte do sujeito, é determinada pelo grupo cultural onde se desenvolve, ou seja, pelo processo histórico cultural da sociedade em que mora e pelas características da língua que fala” (Medina e Santos, 2000, p. 36).

Ainda de acordo com Medina e Santos (2000), a importância que vygotsky “atribui ao meio sociocultural e as mediações simbólicas da linguagem, na construção e evolução dos conceitos, tem derivações fundamentais para a educação em geral e para a educação ambiental em particular” (Medina e Santos, 2000, p. 37).

Para Oliveira (1993), é por meio do contato com um grupo cultural que o ser humano tem acesso aos instrumentos e aos signos que possibilitarão o desenvolvimento das atividades psicológicas mediadas, sendo que, “o aprendizado, nessa concepção é o processo fundamental para a construção humana” (Oliveira, 1993, p.79).

Em Boff (2000b), encontramos que o caráter histórico da natureza humana faz com que nenhuma compreensão compreenda tudo do ser humano, só o fazendo dentro de limites históricos. Para ele, a questão do que seja o ser humano, sua essência, sua natureza, é uma questão a ser sempre retomada e aprofundada.

Ao trazermos presente a teoria sociohistórica, que está alicerçada na construção social do sujeito e no processo de mediação e ao relacioná-la com a história de vida dessas mulheres, que é fruto das relações sociais, podemos perceber que há uma estreita relação entre elas. Entendemos que uma vez que houve mudanças significativas na vida das mulheres que participaram do grupo, a teoria sociohistórica cabe no contexto das práticas desenvolvidas junto a essas mulheres.

Acreditamos em que a contribuição da educação ambiental no processo de constituição dessas mulheres foi fortalecida por termos definido como principal foco de nossas ações o ser humano, sem, contudo, desconsiderarmos o todo em que essas estão inseridas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a partir das transformações que foram ocorrendo e principalmente do empoderamento e da capacidade de reflexão e decisão que foram constituindo o grupo de mulheres, foi possível ampliarmos nosso olhar para além das questões conservacionistas, possibilitando a ampliação do olhar individual para o coletivo e para as questões humanas, ambientais e sociais desse grupo.

Entendemos ainda, que compreender o processo de constituição dessas mulheres, implica compreendermos o processo histórico em que estamos inseridos, logo, significa reconhecermos que somos seres historicamente constituídos, portanto, fruto das relações sociais e das mediações estabelecidas.

BIBLIOGRAFIA

- BOFF, L. Saber Cuidar. Ética do Humano: Compaixão Pela Terra. Petrópolis: Vozes, 2000a.
- BOFF, L. Ethos Mundial. Um Consenso Mínimo Entre os Humanos. Brasília: Letraviva, 2000b.
- BRANDÃO, C. R. Aqui é Onde eu Moro, Aqui Nós Vivemos: Escritos Para Conhecer, Pensar e Praticar o Município Educador Sustentável. 2. ed. Brasília: MMA, Programa Nacional de Educação Ambiental, 2005.
- BRONFENBRENNER, U. (1996) A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979).
- DIAS, G. F. Educação Ambiental, Princípios e Práticas. São Paulo: Gaia, 2001.
- GADOTI, M. Pedagogia da Terra. São Paulo: Fundação Petrópolis, 2000.
- OLIVEIRA, M.K. de. Vygotsky: Aprendizagem e Desenvolvimento: Um Processo Sócio-Histórico. São Paulo: Scipione, 1993.
- MEDINA N. Leituras Complementares In: Educação Ambiental TOMO II. Material Acadêmico Curso de Mestrado em Gestão e Auditoria ambiental, área de concentração Educação Ambiental. Florianópolis, 2002 a.
- MEDINA, N. M., SANTOS, E. da C. Educação Ambiental, Uma Metodologia Participativa de Formação. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- MOLON. S. I. Subjetividade e Constituição do Sujeito Em Vygotsky. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOLON, S. I. Subjetividade e Constituição do Sujeito Em Vygotsky. III Conferência de Pesquisa Sócio Cultural. Campinas São Paulo, 2000.

VYGOTSKY, L.S. (1991). A Formação Social da Mente: o Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes.